

Variações sobre a mesma mágica

Rafael Sirangelo Eccel

Superoittista e Aluno do Curso de Jornalismo da FAMECOS/PUCRS.

Apenas raros lêem os clássicos. Raramente leio, "... só para os raros, se você é careta não entre nessa não", esbraveja o folclore pós-utópico às margens da Baía de Guanabara.

Simplificadamente, as noções se perderam. Mas depois de Garrincha, só Renato Gaúcho. Depois de Freud, só Andy Wahrol.

Do início da autoconsciência pop à inveterada globalização, as mídias assanhadas traduzem as reticências. Interpretar é a lei.

Legitimar é o princípio do culto. Mas a imortalidade continua sendo o dom. A humanidade se diversifica, cresce e aparece, e anda pra frente e pra trás. E o destino maior e quase único, e sempre escondido, é o repúdio à inércia do vazio. Legitimar. Perpetuar-se, mesmo que em frações de momento.

A forma ao conteúdo. A rigidez de um soneto é o limite da consciência. As ditaduras da moda ao

contraponto paradoxalmente lúcido e livre da demência.

Jorge Furtado cita Freud para explicar Antônio Conselheiro: "Religiões são neuroses coletivas, neuroses são religiões individuais." Mas a história legitimou Canudos. E as mídias legitimam, de uma forma fugaz, é verdade, mas o fazem, o delírio cotidiano.

Qual o sentido, afinal? Seria possível fazer um filme de sua vida?, perguntava-se Jim Morrison. Morrison leu os clássicos.

E virou mito.

Os estandartes do rock'n'roll nunca imaginaram que um dia se tornariam clássicos. Representavam o oposto, a fuga à normalidade devastadora de sua realidade.

Morrison virou filme.

Oliver Stone fez sua leitura. Hollywood estava preparada, e o mundo engoliu. A geração mais recente criou um referencial. Apenas mais um. Mas o simulacro virou real à medida que a realidade se

distanciou. A história oficial é tão falsa quanto a Madonna de Allan Parker, em *Evita*, mas só os raros lêem os clássicos. A falta de senso da vida cotidiana não deixa frestas para aprofundamento. Tampouco seria possível saber tanto de tudo. Fugas que dão filme, são fugas reais, denotativas, mas quantos papillons injustiçados adormecem nos bolichos?

O Século 20 começou tão bem, se sabe, mas continuou em escala industrial, em proporção geométrica, na velocidade Deep Blue, e os mentores nem sempre são os melhores. O maniqueísmo se esvaiu, no rastro da concepção de verdade que comporta o sim e o não, e conclui não saber, posto que sim e não são tão ambíguos quanto talvez. Tão simbólicos quanto.

O cinema, quando se permite a aura que merece, foge do contexto colorido e retocado, mas vazio, que predomina. Se por enquanto é assim, daqui a três anos o milênio é outro. E o que hoje é prenúncio de Era vai ser de fato. O que hoje é vanguarda será história. Ou piada, depende.

A mágica que começa nos trailers e termina depois dos créditos, que é intrínseca ao apagar e acender das luzes, que gera pânico e risos, já existe há cem anos. Cresceu e apareceu, foi pra frente e pra trás, exatamente como a própria humanidade. E é a mesma humanidade que se propõe a retratar.

Pensemos em Bauhaus. Arte pela arte ou não. Cinebiografia é a escritura cinematográfica de uma vida, ou a variação de um mesmo tema? Talvez um compromisso comercial.

O cinema tem apenas 100 anos, mas a subversão de valores históricos causada pelos grandes estúdios de Hollywood são incontáveis.

E à medida que o tempo passa, e o cinema tende a perdurar, logo, história e cinema passarão lado a lado *ad infinitum*, as distorções serão maiores, e suas conseqüências mais significativas.

O norte-americano Francis Ford Coppola fez um filme honesto sobre a Guerra do Vietnã. *Apocalypse now* é a visão particular de alguém que viveu o

momento histórico.

O mesmo não se pode dizer de *1492*. Produzido 500 anos depois do fato que se propunha a relatar, o filme de Ridley Scott nem que quisesse teria acesso à verdade. A pesquisa que foi feita, é certo, sobre as motivações que geraram o fato histórico – o descobrimento da América – motivo sem o qual não sairia filme, e destino final do próprio, é unilateral de cabo a rabo. A versão dos vencedores é a mesma que todos nós compramos no colégio, e é a única disponível.

Se trata de um filme caro, com feições de “história oficial”, devido ao comércio, é compreensível, mas inegavelmente reforça a versão mentirosa que, por função social, deveria castrar. Ou pelo menos questionar.

Nenhum romântico esquece a velha máquina de fazer dinheiro que é o cinema. Nenhum romântico esquece que sem indústria não há cinema, e é por essa indústria que tanto se briga no Brasil. Por outro lado, de que vale dispor e não aproveitar?

Bruno Barreto tinha tudo para fazer de *O que é isso companheiro?* uma obra definitiva sobre os anos de chumbo. Foi tolerante demais. *Prá frente Brasil*, de Roberto Farias, no começo dos 80, é muito mais vibrante e, sobretudo, mais crítico em relação àqueles anos insanos.

Não defendo um cinema político, muito menos sugiro que se filme ao pé da letra. A ficção pela ficção ou a inversão de elementos históricos como ganchos para a vanguarda são completamente diferentes de mentiras políticas com claros objetivos de indução ideológica. Bukowski e o ceticismo são tão heróicos quanto outros cultos. Se a intenção artística quase se esvaiu, restam a indústria e o desabafo, e a certeza, como Bertold Brecht, de que um homem é um homem.

Apesar de que homens, geralmente, são apenas machos, na crença quase cinematográfica de que a humanidade terminaria merecendo sua biografia. Fabricada por incógnitos, talvez.